



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

E-ISSN 2316-3801

DOI - 10.17564/2316-3801.2017v6n2p121-136

---

**FESTA COMO PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO:  
NEGROS E ÍNDIOS, CABOCLOS E ESCRAVOS EM CONFLITO**  
“FEAST LIKE PERFORMANCE AND CONTRADICTION: BLACKS AND INDIANS, CABOCLOS AND SLAVES IN CONFLICT”  
“FIESTAS COMO ESPECTÁCULO Y CONTRADICCIÓN: LOS NEGROS Y LOS INDIOS, CABOCLOS Y ESCLAVOS EN CONFLICTO”

---

Vanessa Regina dos Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

A festa conhecida como “teatro a céu aberto” tem como cenário as ruas de Laranjeiras, uma pequena cidade localizada no interior do Estado de Sergipe-Brasil em que sua história foi construída por conflitos de classes entre brancos, negros e índios, seu nome é Festa dos Lambe Sujos versus Caboclinhos. A luta apresentada teatralmente é a saga do negro em busca de liberdade, fugidos das fazendas de cana-de-açúcar, constroem seus refúgios nas matas, caçados e capturados pelos índios. Revelam-se por meio dos

gestos, da oralidade (perceptível pelas músicas, suas letras entoadas e falas elaboradas) pelas indumentárias como roupas e adereços, símbolos que buscam compor a história pungente da cidade de Laranjeiras.

## PALAVRAS-CHAVE

Festa Cultural. Rito. Dramas Sociais.

## ABSTRACT

The party known as “Open-air theater” It is set in the city streets of Laranjeiras, a small town in the State of Sergipe – Brazil which depicts a story built by class conflicts between whites, blacks and Indians, with name, *Lambe Sujo vs Caboclinhos*. The theatrically presented struggle is the saga of the black man in search of freedom, escaped the cane sugar plantations where they were enslaved, build their shelters in the forests, hunted and captured by Indians. They are identified by means of ges-

tures, orality (observed by their music, their slang) the costumes and props in clothes. symbols seeking to compose the poignant history of the city of Laranjeiras.

## KEYWORDS

Cultural festival. Rite. Social drama.

## RESUMEN

La fiesta conocida como “Teatro a Céu Aberto” se encuentra en las calles de Laranjeiras, un pequeño pueblo en el estado de Sergipe-Brasil, la cual tiene su historia construida por los conflictos de clase entre los blancos, los negros y los indios, su nombre es é Festa dos Lambe Sujos versus Caboclinhos. La lucha presentada teatralmente es la saga del negro en busca de libertad, huyendo de las haciendas de caña de azúcar que construyen sus refugios en el bosque, perseguidos y capturados por los indios. Reveladas a través de los gestos, la oralidad

(perceptible a través de las canciones, sus letras entonadas y las declaraciones), por indumentarias de ropa y accesorios, los símbolos que tratan de componer la historia de manera conmovedora en la ciudad de Laranjeiras.

## PALABRAS CLAVE

Fiesta cultural. Rito. Dramas sociales.

## 1 INTRODUÇÃO

Entender por meio da Antropologia Cultural e Social quais são as principais questões que concerne no termo festa não é tarefa fácil e simples, tampouco engessada, traçada a fechamento unívoco da sua teoria. Esboçar a sua estrutura como um objeto pautado a caracteres universais foge da sua funcionalidade, diferentemente de uma busca com exatidão de fatos e consequências, planar no terreno movediço sobre festa é se deparar com inúmeras dúvidas e impasses.

O presente trabalho não seguiria uma trajetória diferente das diversas interpretações acerca da festa e sua abrangência. Diante disso, lambe sujus versus Caboclinhos permite observar pela performance o mecanismo plausível de representação que mitifica e sobretudo contradiz a sua própria concepção de festejar, ou seja, se ao mesmo tempo representa um passado se comemora a própria derrota.

Segundo o Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (1986) “festa é uma reunião alegre para fim de divertimento; conjunto das cerimônias com que se celebra qualquer acontecimento, solenidade, comemoração, dia santificado, de descanso, de regozijo”. De maneira bem resumida o conceito de festa tem funções e finalidades, seu principal objetivo é o de celebrar algum acontecimento marcante de um grupo ou comunidade, quer dizer, tanto o conceito quanto a prática festiva buscam oficializar por meio das suas ações mitos e ritos em torno de um fato específico.

Pensar em negros e índios dentro da perspectiva cultural é logo deter-se em características que retomam a uma construção social pautada em divergências, principalmente a lutas de classes e muitas vezes de conflitos. Ao localizar a festa cultural em Laranjeiras é antes de tudo compreender pela sua construção e desenvolvimento histórico sobre os dramas sociais que fomentaram esta cidade em específico, uma preocupação pertinente no que confere ao imaginário social envolto de uma festa popular como os lambe sujus.

Contudo o que leva a pensar uma festa como um meio pungente de representação teatral em que seu

ápice é comemoração da própria derrota? Quais são os processos sociais que fazem parte da construção de uma festa como esta? Como a teoria da performance dialoga coerentemente com festa? Já que festa é inversão temporária por que a festa ainda reforça a ideia de derrota do negro? Destaque para algumas perguntas que norteiam o objeto aqui pesquisado e, partindo destas que a descrição etnográfica toma seu lugar como prioridade além de entender pelo mito e ritos quais são os elementos que fomentam as perguntas em questão.

Dentro da amplitude sobre os componentes que englobam a teoria da festa, a diversidade de sentidos e suas pluralidades, esclareço que não tenho alguma pretensão de esgotá-las, mas ao propor pela performance clarear como as ações aparentemente desordeiras, bagunçadas possuem mitos e abrem o caminho para entender como o todo desorganizado da ação festiva, revelam dramas sociais e suas contradições. Dando destaque a performance como caminho revelador da contradição social que em outras palavras a festa e a performance dialogam de maneira coerente que conseguem dar sentido a manifestação cultural sem perder seu sentido principal que o de festejar.

O todo desorganizado em que a festa aparentemente se apresenta revela uma estrutura composta de mitos, histórias orais e de múltiplos sentidos que a mantém ou até justificam a sua permanência dentro do cenário social laranjeirense. Com isso a encenação dos grupos permite uma inversão temporária de papéis socialmente construídos ao longo da história da formação da cidade, significa pensar como o tempo está combinado pelas ações, gestos e símbolos para compor e dar sentido a festa em questão.

Pela arrumação do ambiente em que todos os objetos nos leva a observar o tempo e espaço acerca da história e do imaginário cultural da cidade, são cores, gestos, roupas, materiais que trazem uma carga simbólica pertinente, além de falas entre tantos outros fatores que remetem a memória social; seguindo esta

perspectiva histórica, ao utilizar da técnica etnográfica aliada ao campo de trabalho, buscando elementos que traduzam sobre o que se fala e quem se fala seu contexto construído pautado em muitos elementos históricos que marcam Laranjeiras.

Pensada a partir daí, o grupo dos lambe sujos e caboclinhos figuram um universo emblemático sobre o que definem o negro e o índio na formação histórica e cultural da cidade. Destaque da apresentação, por assim dizer, é observar como os dramas sociais se inserem durante a festa como um todo, também significa pensar que a memória coletiva torna-se parte essencial de sua estrutura, justificada assim pelas múltiplas interpretações como um modelo epistemológico que nos leva a tê-la como um fenômeno analítico em que os pares mito/rito, teatro/performance estão construídos sob uma perspectiva de relações diversas, mas sempre se correlacionam na qual toda a sua estrutura reforça e enfatiza os dramas sociais/culturais, por assim dizer.

A festa torna-se um processo de reinvenção em que seus símbolos remetem a história da construção da cidade, reinterpretada de maneira lúdica, uma conexão entre o passado e o presente, falo aqui especificadamente da questão econômica, em que a relação entre grupos esteve muito além do conceito de raça<sup>1</sup> e que ainda continuam tão atuais quanto os tempos de escravidão. Tendo pela performance e o teatro o embasamento analítico sobre as abrangências que a festa consegue adentrar, pensada sob a perspectiva de causa e efeito social, em que todos os envolvidos estão ali para representar a história, uma identidade, uma luta e como o processo foi sendo construído no desenvolvimento da sociedade.

Os desdobramentos e as mudanças ao longo dos anos tornaram-se elementos de fundamental importância para compreender as análises sociais que a festa consegue transmitir sem, contudo tornar-se uma verdade plena, ou seja, uma preocupação de emoldurar pela ação festiva um ato único de entender Laranjeiras em sua totalidade.

**1. Tema que não pretendo abordar, mas a sua citação torna-se indispensável dentro do enredo.**

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Por ser uma pesquisa que busca situar o tempo histórico social para entender os símbolos recorrentes da festa como um evento popular lambe sujos e caboclinhos em Laranjeiras traz um importante significado sobre o estudo da performance cultural, seguindo o perfil etnográfico ao qual nos propomos, sem desviar da realidade que a festa representa, a pesquisa teve o cuidado em localizar pelos discursos o sentido diverso do contexto como é pensado por aqueles que participam do evento.

A descrição etnográfica após a pesquisa de campo visa discorrer sobre determinado assunto ou objeto, utilizando como recurso algumas metodologias científicas mais comuns das ciências sociais, como a pesquisa participante, entrevistas, questionários e as pesquisas bibliográficas, sendo estas últimas o diálogo coerente que o objeto norteia. Em destaque a antropologia interpretativa tomou seu espaço dentro das pesquisas e das análises com Geertz (2008) interpretar é tomar distanciamento do objeto, mas a sua descrição traz elementos estruturais para a composição de seu objetivo, a estrutura pode estar visivelmente ampliada ou intrínseca nas ações apresentadas:

O etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente[...] A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação de significados, uma avaliação das conjunturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjunturas e não a descoberta do Continente de Significados e o mapeamento da sua paisagem incorporada. (GEERTZ, 2008, p. 12).

O contato anterior com a festa foi de extrema importância para poder discorrer sobre a descrição do conjunto simbólico e ritual dos lambe sujos e caboclinhos. Para tanto, a pesquisa foi realizada entre os anos de 2002 a 2015, como dito anteriormente, a princípio, preocupando-se em entender a história da cidade.

A construção teórica acerca da história de determinados grupos sociais em destaque para os negros não é de engessar, mas de definir sistematicamente determinadas regularidades aparentes, surreais quando colocada no ato festivo perdem sua função fazer uso dos possíveis detalhes, minuciosamente, sem generalizar esta festa como modelo livre de interpretações.

Etnografar é antes de qualquer coisa descrever sob aquilo possível de esquecimento ou de algo que está prestes a desaparecer. As manifestações populares como o folclore tem sido motivo de preocupações dos estudiosos, isso não significa que os estudos científicos têm como função de dar novos valores. O valor do saber é crucial para compreender que grupos possuem determinadas demandas dentro da construção histórica de cada sociedade, não sendo necessário restringir as interpretações,

Trabalhos anteriores sobre festa, seu conceito e suas competências referem-se primeiramente à perspectiva de um momento fora do contexto, fora da rotina, revigorando e reanimando a sociedade. A partir dos anos 1970, em pleno século XX, por meio da obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – o Contexto de François Rabelais* de Bakhtin (1993) buscou-se estabelecer dois pontos aparentemente irreconciliáveis entre a visão épica e o romance, antes vistos como ações gradativas em que, valorizando o romanesco, o épico perdia seu real valor, mas que na verdade dialogavam de forma consistente dentro das festas populares.

Segundo Bakhtin (1993), ressaltando primeiro a festa do Carnaval, já que este evento resplandece na infinita memória social, das perturbações cósmicas passadas, em que o riso se insere no contexto como uma ação livre, permitindo rir de tudo, principalmente de si e se valendo também do uso de máscaras como mais um aspecto permissivo de ações e falas, em contraposição ao rosto humano que possui limites simbólicos.

O conceito de inversão mudou sobre o que se conhecia e compreendia sobre festa, acredito ser coerente fazer a distinção entre a inversão e a mudança

social, ou seja, inverter não correspondia a uma revolução, mas uma extensão da vida cotidiana, o povo por um determinado momento toma as ruas e suas sensações são esplanadas, exaltadas coletivamente, junto com o prazer e o humor, às vezes sarcástico. Festejar é do próprio homem, as relações estabelecidas desde a época das colheitas e das caças geravam motivo para comemoração, mas é a partir desta ideia que se estabelece os critérios a serem comemorados e apreciados por todos.

Visualizá-la como uma produção local e cultural de afirmação de uma identidade no cenário brasileiro, nascida no período colonial, marcada por relações diversas e conflituosas, traduziu-se em expectativas e memórias coletivas, recorrendo às mais diversas formas de solidificar um passado e mantê-las vivas, permitindo ironizar a própria situação, cristalizando as relações e aproveitando sua estrutura para resoluções, mesmo que simbólicas, dos conflitos e contradições estabelecidas ao longo do desenvolvimento social.

Não obstante, além de enaltecer conflitos e representar uma variedade de significados, torna-se uma maneira de experiência social partilhada, assumindo como função o papel legitimador de uma ordem social recorrente com resultados libertadores que tomam significado pelas teatralizações, gozando e satirizando as situações ali apresentadas, consequentemente, promovendo novas maneiras de socialização e ações coletivas.

Como fala da Matta (1987) a festa é como um campo de encontro, de mediação e de polissemia social, tudo durante determinado momento é devidamente aceitável, tornando-se um mundo da conjunção que tudo aglomera, vista além das percepções da desordem momentânea ou como somente um rito de inversão avança as fronteiras e toma as ruas o lugar profano, do exagero.

Pensada a partir de mudanças contínuas em que a festa consegue agregar na sua estrutura, a pesquisa participante e idas ao campo foram de fundamental importância como metodologia aqui aplicada. Ao propor fazer uma análise científica a partir do

conceito festa e suas similitudes em especial a cultura de um povo é ter a preocupação de compreender suas partes, começando pela memória coletiva, sua oralidade e como a própria sociedade se enxerga diante do fenômeno.

Assim sendo, *lambe sujós versus caboclinhos* festa que ocorre em Laranjeiras-SE tem como cenário as ruas e espaços públicos, realizada há mais de nove décadas<sup>2</sup> organizada a partir de calendário comemorativo da cidade, acontece todo segundo fim de semana do mês de outubro, justificada pelo período cívico nacional entre setembro e novembro.

Com o jargão “o maior teatro popular a céu aberto do Brasil”, utiliza como palco as ruas arquitetônicas de Laranjeiras Colonial, revelam um misto de preservação patrimonial e modernidade, que se mantém viva na reminiscência daqueles que a conhece, permanece no contexto cultural há mais de noventa anos. Durante um final de semana, compõem um ambiente revelador de sentidos e interpretações sobre a história do índio e do negro na cidade.

Faz-se necessário retomar o contexto em que a festa está baseada, quer dizer, tomada pela perspectiva histórico-geográfica já que segue uma linearidade dos fatos, como as questões sobre a área, clima, terreno propício para o cultivo e a cultura da cana da região do Vale do Cotinguiba, o incentivo do governo na construção de fazendas, a produção em série e exportação do açúcar além das fronteiras, até a inserção dos negros e dos indígenas neste cenário e como estes se tornaram elemento representativo da festa em questão.

A festa retrata as relações conflituosas entre negros e índios na época da ascensão das fazendas de cana-de-açúcar. Com o ápice econômico junto à necessidade de baratear os custos da produção, os senhores de engenhos tentaram usar os índios como mão de obra neste processo, segundo as histórias oficiais contadas em livros, registradas em jornais da época, eles não aceitavam a condição, rebelavam-se prejudicando a produção açucareira.

**2. Segundo relatos orais de muitos moradores e do Coordenador Mestre Zé Rolinha.**

A alternativa encontrada seria exportar do continente africano trabalhadores, que em sua maioria eram comercializados de maneira ilegal, contexto este conhecido e enfático na formação social brasileira, cujo resultado era uma economia significativa para os senhores dos engenhos. Resumidamente a relação que é articulada para compor este evento consiste em problemas de manutenção da ordem, ou seja, com a chegada as terras sergipanas estes africanos encontram outra realidade, trabalho árduo e explorador, justificando assim as intensas fugas e algumas rebeliões.

Os indígenas moradores das regiões próximas às fazendas e conhecedores das áreas mais remotas serviam como intermediadores dos capitães do mato, estes prestavam serviços aos donos das fazendas cuja função era de manter o ordenamento dos trabalhos, utilizavam dos serviços dos indígenas quando algum negro fugisse, já que a perda de algum destes negros, resultaria em prejuízos aos senhores de engenho. É esta tríade relacional de manutenção da estrutura da produção açucareira, aonde o trabalho incessante ao ser descontinuado resultava em problemas econômicos com possíveis punições físicas àqueles que não as mantivesse é que condensa a história descrita.

As fugas dos escravos, explicadas pelo trabalho intenso, a captura deles, ordenada pelos capatazes e executadas pelos índios, visando reestabelecer as ordens, sem prejuízo econômico aos fazendeiros e donos dos engenhos, tornam-se elementos emblemáticos para sumarizar a representação festiva lambe sujós e caboclinhos na cidade de Laranjeiras.

A encenação teatral de caráter espontâneo ao ar livre<sup>3</sup> representa o ponto fulcral do conflito entre escravos negros e indígenas, sendo enveredada pela historiografia da formação social da cidade a justificativa da festa. É notório ao longo dos dois dias do evento como a performance toma destaque em meio ao clima e a efervescência daqueles que corroboram e participam de maneira direta ou indireta na organização. O conjunto de símbolos, de ritos, de mitos e

**3. Expressão utilizada no cartaz do evento no ano de 2015. Fonte: Prefeitura Municipal de Laranjeiras.**

encenações que de um lado está os negros e do outro os índios, transmitem pelo todo organizado contextos que legitimam e preservam a memória e a história.

O propósito é mostrar como o conceito de performance e teatro é regido pelas relações grupais, falar da festa por meio desta perspectiva, retomando a historicidade social pela encenação, pela brincadeira e por duas facetas importantes: de um lado legitimando o processo de formação social de Laranjeiras e do outro permitindo ao indivíduo sair da rotina e das regras sociais. É pelo intermício de festa e representação performática que as ações ali apresentadas vão tomando sentido social, permitindo comemorar a própria derrota, sem com isso perder a função da celebração, da comemoração.

### 3 LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS: A ENCENAÇÃO SERGIPANA

Laranjeiras, uma cidade historicamente influenciada pela prática e manifestações culturais, que teve na produção teatral grande destaque no cenário estadual no século XIX. Segundo Menezes (1986), a cidade tinha a preocupação de práticas culturais artísticas, politicamente projetadas para se tornar capital de Sergipe.

Isso nos remete a uma análise anacrônica de como o teatro e suas prerrogativas estão inseridas no contexto de formação social da cidade. A partir deste ponto ao descrever a festa dos *lambeijos* versus *caboclinhos* que como muito bem fala mestre Zé Rolinha<sup>4</sup>, “teatro a céu aberto”, é pensar como toda a prática não é senão um momento composto de mitos, histórias narradas em que os ritos compõem toda a sua trajetória. A festa em Laranjeiras é composta por dois grupos principais: de um lado os *lambeijos* que representam os negros escravos e do outro os *caboclinhos*, os índios caçadores.

4. Zé Rolinha: Coordenador e mestre do folguedo *lambeijos*.

Figura 1 – *Lambeijos*



Fonte: pesquisa de campo da mestrandia. Apresentação dos *lambeijos* e *caboclinhos*, Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

A composição dos grupos durante a festa traz um caráter específico, começando pelos adereços e objetos. O grupo dos *Lambeijos* saem vestidos de short e boina de cor vermelha, o corpo recebe uma tinta de cor preta brilhosa feita dos resquícios da moagem da cana-de-açúcar acrescentado pó xadrez preto e sabão em pedra que misturados dão a tonalidade e aderência a pele, complementam o personagem com objetos que remetem ao trabalho de colheita como facões e foices<sup>5</sup> assim como chupetas e falas irreverentes.

Dentro do grupo existem personagens como a mãe Suzana considerada a feiticeira/curandeira, assim como o pai Juá, uma espécie de preto-velho/curador, o rei, o príncipe, os taqueiros cuja função é de manter a ordem, o negro forro, que no embate final sobe no mastro, avisa a aproximação do grupo rival e dos demais componentes, em sua maioria, brincantes e moradores da cidade, compondo desta maneira o quadro simbólico do folguedo.

É este teatro de rua que conseguimos constatar como a restauração de conflitos sociais estabelecidos

5. Facões e foices feitas de materiais não cortantes como madeira ou papelão.

dramaticamente, em que de um lado encontra-se a guerra entre os negros que enfrentam os índios e que estão a serviço dos brancos para aprisioná-los e de outro, o conflito entre escravos e os feitores (conhecido como capitães do mato) que a todo o momento encenam a resistência em serem capturados e buscam a fuga insistentemente.

Importante destacar a configuração dos personagens que são os feitores, pois estes são ex-escravos e tornaram-se quilombolas, mas que durante toda a encenação transformam-se em figuras fundamentais na compreensão da festa e usa durante todo o cortejo o chicote para controlar os escravos, objeto simbólico de obediência e medo.

Os grupos dos caboclinhos que representam os índios apresentam-se devidamente trajados com sua indumentária composta por penas, brilhos e adereços como objetos de caça, assim como o outro grupo também completam a performance com a pintura de pele, com tom avermelhada é feita de tinta xadrez misturada a água e sabão em pedra, dando uma tonalidade fosca. Neste grupo existem dois personagens importantes para compor a trama, falo do rei e da princesa, o primeiro como pessoa central das negociações da soltura de sua filha que é raptada pelo grupo dos negros, momento este que dá ênfase ao conflito como contexto lúdico.

Figura 2 – Caboclinhos



Fonte: pesquisa de campo da mestranda. Apresentação dos lambe sujos e caboclinhos, Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

O comportamento de cada grupo se apresenta de forma diferenciada e com isso observa como os atos teatralizados tomam determinado sentido no decorrer da representação, isso significa vislumbrar a festa como um todo organizado em que cada sequência dá sentido ao contexto.

E, dando continuidade ao enredo lambe sujos e caboclinhos, ambos os grupos circulam pelas ruas da cidade cantando e brincando, comportamentos distintos o primeiro grupo destaque-se pela extroversão, pelo excesso alguns participantes mantêm o costume de ameaçar sujar aqueles que recusam não dar-lhes trocados. Quanto a esta prática muitos justificam que a arrecadação representa a ajuda para a possível compra da liberdade do escravo, outros continuam somente para comprar bebidas alcoólicas durante o evento, ou seja, ações que dão sentidos múltiplos para aqueles que fazem parte do momento.

Enquanto o comportamento dos lambe sujos tateia o excesso, a jocosidade, os caboclinhos seguem a direção contrária, circulam pela cidade com atos contidos, ao som dos instrumentos musicais e entoadas pelo refrão “negro correu, caboclo pegou”, quando ocorre o encontro dos grupos os embates acontecem e logo se dispersam.

São estes ritos festivos ou denominados como “ritual da festa”, segundo Schechner (2012), que ele chama de “restauração do comportamento”, tais atos revelam a perspectiva em que na estrutura toda da festa é igual, mas na sua prática e desenvolvimento as diferenças tomam seu lugar, já que não há repetição na íntegra de eventos ano após ano, pequenas alterações acontecem e com elas novos sentidos.

Como a festa é um conjunto de ações e representações, as atividades dos Lambe sujos e Caboclinhos iniciam no sábado com o “esmolado”. A título de curiosidade o termo esmolado é exatamente colocado com alusão à ideia de esmola, em que enlaçado e conduzido por um caboclinho, um componente do grupo lambe sujo tem como obrigação pedir nas barracas da feira e aos comerciantes carnes, legumes, verduras, grãos ou até dinheiro para a confecção da feijoada coletiva.



O cenário da feira traz uma carga simbólica no que diz respeito a um espaço e tempo com funções específicas, assim como a maioria das cidades interioresanas, as feiras livres fazem parte do cenário local, tornaram-se ao longo dos anos emblemas de uma identidade, em contato direto com os bens mais acessíveis em que a natureza oferece junto com outros materiais, tornou-se um espaço móvel de vendas, trocas e comércio.

Por falar em comida, o contexto de coletividade e comensalidade também retrata aspectos importantes no que diz respeito à festa, isto é, a escolha de uma comida tipicamente vinda da gastronomia africana traz consigo elemento simbólico da tradição da cultura local como já se conhece, as sobras das comidas feitas para a família dos senhores de engenho eram reaproveitadas pelos então escravos, aonde acrescentavam algumas verduras, ficando conhecida como feijoada.

Após angariar as doações, os dois membros dos grupos põem tudo num cesto e deixam na casa do coordenador do evento, a esposa dele com a ajuda de alguns participantes selecionam e limpam o que foi arrecadado, preparando a feijoada, que será compartilhada no domingo em torno do meio dia para todos os participantes do festejo.

Na entrada da cidade, ao lado da praça e do canal de escoamento de produtos na época colonial, montam o mocambo, este era feito com folhagem e taquaras (bambus<sup>6</sup>), em meio à mata pelos escravos fujões da época. É esse local que finalizará a festa, com o confronto entre os dois grupos, sendo queimado como emblema de dominação.

A montagem do mocambo é feita de forma sistemática e ritualística, ou seja, quando termina a arrecadação dos preparativos para a feijoada, conhecido como o esmolado, membros de ambos os grupos seguem para a mata próxima para recolher os bambus, a escolha é feita por aqueles que sabem definir qual a melhor haste na construção do mocambo, em meio a músicas, brincadeiras e bebidas alcoólicas, retornam a praça e inicia a preparação.

**6. Bambus ou taquaras são colmos ocos, lembram canudos, por isso tão utilizado na construção de habitações.**

O clima festivo toma conta da cidade e dos moradores, não se limitando a eventos performáticos, após a montagem do primeiro dia, todos continuam envolvidos, a extensão da festa se insere nas casas e ruas, tendo como intermédio a musicalidade e instrumentos musicais em geral.

Logo a noite se prolonga na espera da alvorada, às quatro horas da manhã com batuques e fogos de artifícios, todos seguem para casa de mestre Zé Rolinha, este momento é marcante para concretizar a invasão dos negros a cidade, a euforia toma conta dos participantes, que demarca as cenas que dão continuidade a performance cultural. Ao ritmo de frases prontas que enfatizam a liberdade, como descrita logo a seguir, entoada ao som de batuques, tambores e ganzás a cidade é invadida e os negros passam temporariamente a dominar as ruas de Laranjeiras.

Tava capinando a princesa me chamou,  
alevanta nêgo  
Cativeiro se acabou.  
Samba nêgo, branco não vem cá  
Samba nêgo, branco não vem cá  
Se vier pau há de levar

Sons entoados pela efervescência do momento, pela intensidade em que o enredo vai se desenvolvendo, marcam temporalidades específicas, ou seja, pelas letras, pela sonoridade os lambe sujos buscam legitimar seu espaço, inserindo tonalidades as vozes que acompanham e enfatizam o papel do negro por meio da luta, da resistência e principalmente da identidade.

A alvorada acontece num misto de performance, simbologias e musicalidade envolvente, criando um clímax contagiante entre os participantes e o público, a festa segue seu curso teatral. Desde a indumentária dos participantes até a escolha dos espaços ou locais de encenação, a cidade agrega simbolicamente a reconstrução de sua história social.

Num contágio performático e capcioso por assim dizer, os lambe sujos seguem o itinerário da alvorada, sem estarem completamente fantasiados, cantam e com ênfase os trechos acima citados, sem, contudo

desorganizar o objetivo deste momento, eles continuam o percurso com músicas que são compostas de frases curtas e enfáticas:

Eu chorei, o povo chorou  
O cadê a mochila que o cão carregou?  
Samarquinha do Tapicuru  
Samarquinha do Tapicuru

Algumas horas passam, o ensejo continua pelas ruelas da cidade acompanhada de muita música, batuque e o a euforia daqueles que tendem a desafiar taqueiros, onde o som das chicotadas que ressoam pelo contexto festivo de maneira atraente. Quando descrevem sobre as chicotadas e a forma como ela está contextualizada no evento e toma determinada abrangência entre os participantes e o público de maneira geral, o que chama atenção é a sua dissidência entre grupos que se reúnem adequadamente quanto às vestimentas, usando macacões que ajudam a abrandar as chicotadas.

Feitores e suas chicotadas, parte da performance da festa como acontecimento marcante da formação do negro dentro do contexto escravidão, por meio dos castigos aplicados àqueles que ousavam desobedecer aos seus senhores, como a festa analisada retrata a luta da liberdade destes homens, símbolos e sentidos tomam seu lugar neste enredo. A participação do público se configura de maneira efêmera, ao mesmo tempo, desafiando os feitores, ameaçando invadir o grupo, forçando uma entrada não planejada, quer dizer, controlando os escravos e o público alternadamente para que a estrutura da festa seja mantida.

Entre desafiar os taqueiros e exceder nas atitudes, o clima de euforia toma destaque, é notório durante o percurso como o público e os brincantes aderem ao personagem quanto à ideia de exageros permissíveis. Além do mais, o uso de bebidas alcoólicas como elemento constitutivo do evento, tanto para o comércio, quanto para a população.

Ao término da alvorada os dois grupos reúnem-se para a pintura corporal e completar o vestuário, observa-se que os últimos anos a procura do público em

caracterizar principalmente de lambe sujos tem crescido significativamente. As cores associadas às questões culturais, o mito e o símbolo tomam seu real sentido por meio do que podemos definir como um todo elaborado que inclusive consegue aderir à linguagem corporal e simbólica dando ênfase a caracterização.

Assim como partes de uma peça teatral, o enredo apresenta sequências que são entrelaçadas umas com as outras, dentre estas os embates que são os confrontos simulados, representando as lutas corporais e ensejadas com uso de espadas entre os lambe sujos e caboclinhos que acontecem nas ruas da cidade em determinados momentos.

Além dos mitos e ritos que fazem parte das festas ditas como culturais, as questões religiosas também têm papel fundamental dentro deste evento. A *festa lambe sujos e caboclinhos* apresenta o diálogo entre duas matrizes religiosas: a católica e a africana, aonde o grupo dos negros tem na composição figuras representativas de matriz africana que são homenageadas<sup>7</sup>.

Dando continuidade às atividades da manhã do domingo com a presença do rei dos lambe sujos, o grupo segue o trajeto ao som de cantos e batuques para o terreiro Nagô Santa Bárbara Virgem, pedindo a benção pela peleja que os esperam. Após a benção, eufóricos continuam a cantarolar: “vou pra terra de congo, vou ver Angola, adeus parente que eu já vou embora”, seguem todos a caminho do próximo encontro que acontece a porta da igreja matriz Sagrado Coração de Jesus.

Este momento é marcado pela presença de ambos os grupos para que o pároco da cidade os abençoe. A dispersão dá seguimento ao dia, em caminhos opostos os caboclinhos, grupo menor, continua pelas ruelas da cidade marcada pelas entoações das caixas e baquetes cantando: “negro correu, caboclo pegou, negro correu, caboclo pegou”.

Este ato cênico como parte integrante da configuração festiva, entoa uma série de discursos de pertença

7. A palavra “homenagem” posta entre aspas, não foi colocada com o objetivo de restringir ou aludir a festa como mecanismo de referencia a figuras em específico, assim como o todo festivo, cada figura presente possui uma carga simbólica aludida a tarefas do funcionamento de cada grupo.

cimento e de um referencial sagrado em que o evento consegue agregar de maneira diversa, mas lógica no sentido de desenvolvimento. O momento não é de demarcações entre qual será a religião certa e sim de mostrar como os discursos de adversidade desmitificam, havendo um diálogo quando o único objetivo e diversão é manter a cultura viva.

A exegese da festa como um contexto ritual compõe pelas cenas seguintes determinadas simbologias que dão o sentido, sendo pelos gestos, pelas roupas e pelas falas a unidade representativa dos grupos. Pelas ruas da cidade em direções diferentes os lambeijos continuam a cantando, como também os caboclinhos, mas em determinado momento os grupos se encontram e ocorre o primeiro confronto (embate).

De maneira ritualística, assim como os lambeijos, os caboclinhos pegam o príncipe em casa, cortejado e reverenciado continuam a caminhar pela cidade. No encontro repentino, estalos de espadas tornam-se os sons que conduzem este contato, de um lado os negros e do outro os índios se confrontam, logo se dispersam e os grupos continuam, com animação, muita música e batucadas.

Em continuidade ao conjunto de ações que compõe a festa, no sábado após a arrecadação dos utensílios para a feijoada, no domingo em torno do meio dia, aguardada por todos é servido na casa do mestre Zé Rolinha, sentido de camaradagem consensual, isento de conflitos, a feijoada se caracteriza pela comensalidade e por ela os dois grupos reúnem-se com o objetivo de simbólico, índios e negros dentro daquele espaço de tempo aderem ao evento como mecanismo de pacificação.

No início da tarde, após a feijoada, os grupos organizam seus próximos passos com o cortejo para reverenciar seus principais personagens a adentrarem ao evento; começando pelos lambeijos, o cortejo segue primeiro na busca do rei do grupo, apresenta-se ao público de forma aclamada, é reverenciado com muito batuque e fogos, de forma idêntica ocorre com a mãe Suzana e o pai Juá que logo após completarem o elenco do grupo seguem com euforia pela cidade.

Mimeticamente projetada, cada busca, cada música e cada atitude contém signos e significados que formam a noção do todo como um evento ritual, ou seja, os personagens que aqui se encontram carregam pelo processo ritual a sua importância do evento, a sequência em que cada personagem é inserido nada mais é que a organização dos sentidos dados pela própria sociedade representada. Da mesma maneira os caboclinhos organizam o cortejo para buscar o seu rei e continuam a percorrer as ruas com entoadas e alegria.

Cortejados e partes dos grupos, os personagens principais dos negros e dos índios continuam o trajeto pela cidade, mas em determinado local ocorre o segundo encontro e seu embate, agora o destaque vai para os reis que se confrontam. Logo a dispersão ocorre e os dois grupos seguem em direção à praça, onde foi montado o cenário principal.

Neste interim de tempo, os lambeijos sequestram a rainha dos caboclinhos, gerando um clima de guerra e conflito. As encenações finais ocorrem neste mesmo espaço, os caboclinhos insistem na retomada de sua rainha, neste primeiro momento os negros expulsam do território os índios. Porém, os lambeijos deixam a cargo do negro forro o papel de avistar, tendo como apoio um mastro, a possível invasão dos caboclinhos. De nada adianta, os mesmos conseguem dominar a área, tendo como consequência um confronto final, com lutas corporais e a retomada de sua rainha.

A presença do rei dos caboclinhos na tentativa de uma possível trégua, estabelecendo um diálogo com os lambeijos, logo é substituído pelo confronto. Nesses momentos finais o clima de rivalidades chega a seu ápice, o diálogo é substituído por empurrões, encenando um duelo entre os reis e participantes dos grupos. A estrutura de dominação racial retorna a sua normalidade, quer dizer, o evento tipicamente definido por relações sociais reestabelece simbolicamente no momento em que os caboclinhos prendem os lambeijos, ateando fogo no mocambo, finalizando a encenação.

A cultura carrega para os grupos uma linguagem que interage com os demais campos das ações sociais, falamos exatamente dos sentidos, dos ritos e

dos mitos, que têm como intermédio as manifestações folclóricas, o instrumento capaz de captar as heranças dos negros, dos índios e dos brancos num único espaço que permanecem até os dias de hoje.

## 4 DA FESTA COMO PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO SOCIAL

Discorrer sobre a teoria da festa é encontrar sentidos diversos que estão incutidos, ou seja, o engessamento acerca da teoria não conduz a compreensão do evento com sentido social ao contrário, o distanciamento de entendê-la como uma estrutura composta de ritos, mitos e lendas é quem a fomenta e a conduz na sua desenvoltura.

O confronto final e o reestabelecimento da ordem, negros aprisionados após resistência enfática aos caboclos, encenado as margens do rio Cotinguiba (rio este símbolo de progresso econômico), estrategicamente escolhido para ressaltar o percurso festivo encontra-se alinhado ao contexto emblemático de Laranjeiras, finalizando as encenações com a queima do mocambo.

Os processos dos rituais, inclusive a festa, são vistos como um fato social total já que se baseiam em princípios simbólicos de análise, algumas legitimadas pelo viés cultural, outras pelo dinamismo das relações, mas o que tanto o ritual quanto a festa consistem é, sobretudo numa estrutura que embasa e legitima a sua existência, resgatando um passado e localizando seus indivíduos dentro de contextos históricos.

De acordo com Cavalcanti (2013, p.421) “[...] nesta retórica de dualidades que as interações se estabelecem e dão significado aos processos, no momento que o natural pressupõe a desordem, o social, a intersubjetividade dos grupos pressupõem as normas, regras, a um ordenamento social”. Sendo que ao representar teatralmente a história da formação da cidade, seu papel será de decodificar, compreender e relembrar o passado social, correlacionando com o presente.

Portanto legitimar a história de um povo pela retomada anual da teatralização é enfaticamente lembrar sua origem social como processo de constante dinamismo, ao pensarmos este evento como um modo privilegiado de expressão de sentimentos coletivos e individuais ao mesmo tempo. A festa é um processo cíclico, tendo a necessidade de retomar os laços da sociabilidade e também se preocupando na liberdade momentânea. A coletividade é enaltecida e considerada como um dos momentos de suma importância no desempenho e consolidação dos papéis sociais.

A noção de continuidade permeia sobre o estudo de festa estruturalmente falando, já se termina uma projetando a outra. A dinâmica cultural não se estagna justificando o porquê que as repetições dos fatos estão muitas vezes vinculadas a sentidos perpetuados e que ao longo dos anos tornaram-se intrínseco na história da sociedade, “os atores morrem, mas a peça continua”<sup>8</sup>.

Logo, a festa é vivida, experimentada e só tem sentido por aqueles que a vivenciam. Destarte, compreendê-la não é resumir como manifestação sem sentido social, ela vai interpelando a historicidade humana que a representa teatralmente, integrando a pluralidade dos mundos ali representados, ao mesmo tempo em que mantém a relação dialética do cotidiano e da não ruptura.

Festejar, teatralizar significa muitas vezes o retrato da experiência social, integrando vários elementos, rompendo o cotidiano e compondo valores e sentimentos distintos, perceptível na encenação de luta apresentada. Marcadas por seus gestos, num espaço específico e sempre com a necessidade de serem reafirmados.

Para Rosa (2002, p. 24):

Festa é um espetáculo, podendo ser, até mesmo, o espetáculo. Como forma de lazer, a festa denota sentidos e significados diversos, como ordem, desordem, diversão, trabalho, segurança, conflito, convivência, efervescência, excesso, ambiguidade, gratuidade e espontaneidade. Tempo e espaço festivos tem enunciados, dentre suas características, a inversão e a transgressão.

8. Palestra do II Colóquio de Festas e Sociabilidades proferida pela Prof.<sup>a</sup> Eufrásia Cristina Meneses Santos, 2008.

Possuidora de elementos *sui generis*, condicionada em tempo e espaço específico, não a torna uma experiência desorganizada e sem sentido social. Além disso, como afirma Perez (2000, p. 47) “festa é consumo, dispêndio, sacrifício, troca, reciprocidade, ou seja, o ato de produção de vida”, não sendo diferente ocupa na vida dos homens um lugar privilegiado de legitimidade e aceitação, a qual as suas dinâmicas condicionam a sua permanência.

De outro lado, a festa pensada como ritual torna-se a chave para compreensão da sociedade ao qual estamos inseridos, ao esquematizá-los e projetá-los na perspectiva do sagrado compreende-se sua relevância para o social e de como seus significados tomam sentido naquele determinado contexto aceito e inseridos. Rituais cruzam as fronteiras do mágico-religioso, é a exceção entre o cotidiano e o mítico.

Ao preocupar-se em analisar os dramas sociais, neste caso a festa dos Lambe Sujos sob a ótica do teatro é assim dispor de uma série de reflexões que estão inclusas no processo de formação, da estrutura do evento. Além de ser uma forma de expressão coletiva traz na sua essência uma série de ritos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *festa dos lambe sujós e caboclinhos* historicamente considerada uma das manifestações culturais mais importantes da cidade de Laranjeiras traz na sua estrutura princípios norteadores que a resgata como um objeto de análise diversificada. Além de manter viva a memória coletiva dos moradores, chama a atenção pela sua simbologia e performance, principalmente no que se refere a história narrada e tida como uma manifestação teatral.

Para tanto, buscou-se pela historiografia das relações sociais, em específico do negro e do índio se consolidou no Brasil e como estas se fundamentaram no Estado de Sergipe, em Laranjeiras. Em pleno desenvolvimento social, o Brasil passava por diversas mudanças, no que concerne a economia a prioridade

estava na obtenção de lucro, é nesse contexto que a figura do negro e do índio se insere, de um lado mão de obra barata e do outro, terras para o cultivo e instalação de engenhos na região nordeste marcaram o cenário de Laranjeiras. Justificando dessa forma o uso de textos da história do Brasil, de Sergipe e de Laranjeiras como localizador dos símbolos recorrentes durante a festa dos lambe sujós e caboclinhos.

Outra questão importante foi descrever como o quilombo foi construído como espaço de significados sociais para o negro escravo. Dentre outras observações dar destaque para os mocambos é pontuar seu sentido dentro da perspectiva festa não somente como um elemento ilustrativo da encenação, mas desde a sua construção ao momento final que é queimado, tornam-se simbólicos para legitimar a sua presença como parte da construção de um grupo social.

Por conseguinte fazer uma etnografia da festa, narrando atos, cenas e personagens são pautar o objeto como parte do trabalho descritivo, as experiências anteriores, entrevistas, filmagens e fotos serviram como metodologia e material analítico, dialogando com teorias sobre a temática.

O merecido destaque do trabalho esteve a todo o momento supracitado pelo conceito de festa e suas diversas abrangências, contudo definir para tanto a festa e sua trajetória social, como objeto histórico, grupos étnicos, ritos, cultura e por fim performance e contradição social, justificando assim o meu objeto e meu tema.

A história oral permeia a festa e torna-se contínua nos discursos dos seus participantes, localizando a vida contextual e histórica de um povo, operando na reconstrução, situando as identidades para legitimar muitas ações do presente. Por isso que a permanência da teatralização dos lambe sujós e sua saga pela liberdade dura há mais de nove décadas.

Festejar faz parte da existência humana, este trabalho buscou mostrar como é possível uma única festa conter sentidos e variações pertinentes, pois é por esta que o negro reafirma a sua condição inferior, construída ao longo da história nacional, também após inúmeras revoltas, tentativas de fugas, os Lambe sujós comemoram a sua própria derrota.

Objeto de contradição social, a festa serve para ratificar a estrutura dominante em que a história do Brasil esteve imersa, aonde negros permanecem excluídos do cenário social, que a aparente desordem logo dá lugar a reorganização das relações sociais, neste evento os indígenas capturam e devolvem os negros para seus senhores, encerrando os conflitos e reestabelecendo a ordem. Sendo pelo teatro e pelo ritual um mecanismo que confere ao imaginário a sua função de representar no sentido mais conceitual uma carga simbólica aonde o sujeito localiza seu tempo e espaço dentro da estrutura social.

## REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2000.
- CAVALCANTI, Maria Laura de Castro. Drama Ritual e performance em Victor Turner. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, v.3, n.6, p.411- 440, nov. 2013.
- CAVALCANTI, Maria Laura de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo (Org.). **As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.
- CÔRTEZ, Gustavo Pereira. **Dança, Brasil! festas e danças populares**. Belo Horizonte: Leitura, 2000.
- DANTAS, Beatriz Gois. **Vovó Nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro, 1988.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Univ. Fed. Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 1986.
- GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Nacional, 1976.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva. Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003.
- MENEZES, Virginia Lúcia. **Levantamento das manifestações de teatro em Laranjeiras Sergipe**. Aracaju: FUNDESC, 1986.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Damará, 1995 .
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ROSA, M. Cristina. **Festa, lazer e cultura**. São Paulo. Papyrus, 2002.
- SANSONE, Livio. (Org.). **A política do intangível: museus e patrimônios em nova perspectiva**. Salvador: Edufba, 2012.
- SCHECHNER. Richard. **Between teather and anthropology** . Phidelphia : University of Pennyslvania Press, 1985.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: 34, 2000.

TURNER, Victor. **O processo ritual - estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor. **A floresta dos símbolos: aspectos do ritual ndembu**. Niteroi: EdUFF, 2002.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

---

Recebido em: 17 de Fevereiro de 2017  
Avaliado em: 3 de Abril de 2017  
Aceito em : 24 de Maio de 2017

---

**1. Mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.**  
**E-mail: [vanessa.regina1984@gmail.com](mailto:vanessa.regina1984@gmail.com)**